

N° 20. — Calcul des terrassements de la 14^e section.

N° 21. — Estimation générale et sommaire de la dépense relative à la partie du tracé comprise entre la ferme Winnaars Poort et Pretoria.

Sans numéro. — Un rapport imprimé en portugais contenant le calcul du trafic probable de ce chemin de fer.

Dessins

N° 1. — Carte contenant la direction générale de la partie du tracé comprise entre Lourenço Marques et la ferme Winnaars Poort de G. Maré.

N° 2. — Plan de la 1^{ère} section.

N° 3. — Profil en long idem.

N° 4. — Plan de la 2^e section.

N° 5. — Profil en long idem.

N° 6. — Plan de la 3^e section.

N° 7. — Profil en long idem.

N° 8. — Plan de la 4^e section.

N° 9. — Profil en long idem.

N° 10. — Plan de la 5^e section.

N° 11. — Profil en long idem.

N° 12. — Plan de la 6^e section.

N° 13. — Profil en long idem.

N° 14. — Plan de la 7^e section.

N° 15. — Profil en long idem.

N° 16. — Plan de la 8^e section.

N° 17. — Profil en long idem.

N° 18. — Types des profils en travers.

N° 19. — Type des tunnels, des aqueducs et des réservoirs pour l'alimentation des locomotives.

N° 20. — Plan de la 9^e section.

N° 21. — Profil en long idem.

N° 22. — Plan de la 10^e section.

N° 23. — Profil en long idem.

N° 24. — Plan de la 11^e section.

N° 25. — Profil en long idem.

N° 26. — Plan de la 12^e section.

N° 27. — Profil en long idem.

N° 28. — Plan de la 13^e section.

N° 29. — Profil en long idem.

N° 30. — Plan de la 14^e section.

N° 31. — Profil en long idem.

Sans numéro. — Deux rouleaux de dessins contenant les projets des stations de marchandises et passagers, usines, remises de machines et wagons, water-closets, maisons de garde, disposition des voies de garage et d'évitement aux approches des stations, types des ponceaux, d'aiguillages, de plaques tournants, de mâts de signaux, de barrière pour passage à niveau, etc., etc.

Lourenço Marques, le 14 avril 1885. — *J. Machado*, major du génie.

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

DE LISBOA

FUNDADA EM 1875

5.^a SERIE — N.º 6

Guillermo



García Díaz

BIBLIOTECA / LIBRARY

BARONE
(Carpenter)
Instituição: Hist. CV
N.º Reg.:



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1885

se juntaõ todos, ou poem algumas divisas p^a se conhecerem no conflicto, e obrarem mais seguros; porem se na marcha lhe atraveça o cam^o algum animalejo, voltaõ p^a casa sem demora, dando a guerra por acabada; pois reputam aquelle acazo por hum pessimo agouro, ou signal certo de serem vencidos. As suas armas são humas lanças curtas de arremeço a que chamaõ = *Zagoyas* = e dellas leva cada hum as que pode p^a atirar no encontro, reservando sempre huma p^a se defender: Tambem tem algumas armas de fogo que lhe vendem os Portuguezes, á surdina e nellas se achaõ bem destros.

«2.^o Observaõ os dias da lua p^a principiar a campanha e fazem outras m^{tas} redicularias a q daõ inteiro cred^o: Postos huma vez em marcha, naõ tem mais forma, deciplina ou regularid^e; correm, acomettem, mataõ, saqueiaõ, queimaõ e destroem, sempre em debandada e sem dar quartel mais que as mulheres q captivaõ, se saõ mossas, aliás lhe tiraõ a vida: Cortaõ a cabeça aos homens, e levaõ a parte superior do casco para o seu triumpho. Com a mesma rapidez com q de golpe entraõ em qualq^r povoaçãõ saem logo depois do estrago feito, e se recolhem as suas a festejar a victoria com grandes algazarras dançando em forma de peleja, cada hum separadun^{ta}, tendo diante de si no cham os cascos dos que matou, representando o xoque q com elles teve arremedandolhe a fuga, os urros e o mais q fizeraõ ate que espiraraõ: Espectaculo bem triste p^a nos como contr^o á humanid^e mas alegre p^a elles que estaõ costumados a este brinco e tem perdido toda a ternura.»

Termina aqui a pequena viagem retrospectiva pelos ineditos de Evora. = *Lino d'Assumpção*, S. S. G. L.

A ILHA DO FOGO DE CABO VERDE E O SEU VULCÃO

Hoje, que a mais insignificante montanha, o mais mesquinho vulcão, tem merecido a visita de *touristes* e homens de sciencia; hoje, que abundam as descripções de qualquer phenomeno da natureza: da mais pequenina erupção vulcanica, do mais ligeiro abalo de terreno; inverosimil parece que tão pouco se nomeie o Pico, ou vulcão da ilha do Fogo de Cabo Verde, que, apesar de attingir uma altitude consideravel, nem sequer figura, nos atlas e tratados de geographia, entre as grandes alturas do globo, ao passo que como taes se indicam montanhas muito menos elevadas.

Custa a acreditar, mas é verdade: de um vulcão, se não de primeira ordem, de bastante importancia para não ser esquecido; de um vulcão em actividade, embora de effeitos intermitentes em periodos irregulares, só de corrida se diz nos livros geographicos, tendo passado por assim dizer ignotas para o mundo scientifico as suas quasi recentes erupções.

Tão pouco conhecido é elle, tão pouco interesse tem despertado,

que sómente, que se saiba, tres visitas ha a registrar ao interior da sua principal e extincta cratera.

Á primeira por Vidal e Mudge em 1820, por occasião do levantamento da planta hydrographica d'estas ilhas.

Á segunda por Felix Antonio de Brito Capello, em 1855, quando por ordem do governo da provincia visitou o vulcão.

Á terceira, em 1869, pelo distincto official da nossa armada Guilherme Augusto de Brito Capello e mr. Léon de Cessac, naturalista então em visita n'este archipelago.

Tambem consta que em 1830, um hespanhol, a que chamavam Barrau, muitas vezes descêra ao fundo da mesma, trazendo d'ali algumas arrobas de enxofre e de salitre, e que o mesmo faziam varios homens do povo.

Nem na altura d'este vulcão ha concordancia: cada um que d'elle se occupa lhe marca altitude diversa.

D. José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda, *Diccionario encyclopedico*, fallando do vulcão da ilha do Fogo, diz ter altura de 2:960 metros.

Descherelle Ainé e G. Devays, *Grand dictionnaire de géographie universelle ancienne e moderne*, assignam-lhe 2:964 metros.

Malte-Brun, *Géographie universelle*, sem que o faça figurar no seu quadro das alturas das principaes montanhas do globo, 2:976 metros.

Felix Antonio de Brito Capello, 3:200 metros.

Vidal e Mudge, *Carta da ilha do Fogo*, 9:760 pés inglezes, ou 3:220 metros.

José Conrado Carlos de Chelmichi e Francisco Adolpho de Varnhagen, *Chorographia Caboverdeana*, 1:650 braças approximadamente. ou 3:630 metros.

Vê-se portanto do que havemos dito, que o vulcão da ilha do Fogo não está devidamente estudado; e foi no intuito de preencher, quanto em nós caiba, tão importante lacuna scientifica, que se traçaram estas linhas.

Oxalá que outros mais competentes despertem com este humilde reclamo, e se resolvam a tratar detidamente do assumpto, que sobeja materia lhes offerece, e sebojo interesse ha de forçosamente provocar.

Em tão singelo bosquejo unicamente apontaremos os trabalhos que encontrámos relativos ao vulcão; as obras onde d'elle se falla; pouco, pouquissimo, pondo de nossa lavra, porque pouco, pouquissimo, poderiamos dizer d'elle e das suas erupções, visto que nunca o visitámos.

Das de 1799 e 1852, daremos na integra as descripções feitas, melhor e verdadeiro modo de as tornar conhecidas, attento ao desenvolvimento d'esses trabalhos, e ao seu merecimento didactico.

É esta a historia, para nós possivel, do Pico da ilha do Fogo, ou do seu vulcão: nem para obra de mais folego nos sobra lazer.

Antes, porém, de encetal-a diremos da ilha em geral.

Pertence a ilha do Fogo ao grupo das de Sotavento do archipelago

Caboverdeano, demora a 56,4 kilometros a O. da ilha de S. Thiago, e está situada entre 14°, 48' e 15°, 1', 15'' latitude N., e 24°, 20', 30'' e 24°, 35', 20'' longitude O. de Greenwich.

Mede no seu maior comprimento, de E. a O., 25 kilometros, e 22¹/₂ na sua maior largura de N. a S., sendo de figura arredondada.

Afecta, portanto, a fórma de um enorme cône truncado, encimado pela, provavelmente, primitiva cratera do vulcão. Os seus flancos são sulcados por fundas ravinas, descendo até ao mar.

Valles propriamente ditos, não ha. O solo, cuja estrutura se mostra em desordem completa, é formado por basaltos, dólérites, péperines, trachytes, trappes, de envolta com tufos, lavas e escorias vulcánicas; e por diversas camadas metamórficas.

É a ilha uma das mais salubres do archipelago.

O seu clima, bastante quente e secco para o S, é frio e humido para o lado do N. Sítios ha mesmo onde o frio se faz sentir com intensidade. A temperatura media na villa, em casa e á sombra, é de 25° centigrados. A maxima observada de 31°,5: a minima de 20°.

Está sujeita a faltas periodicas de chuva, como toda a provincia, sendo, todavia, raro que para o N. deixe de chover na quadra propria, principalmente nos Mosteiros.

Descoberta em maio de 1460, por Antonio de Nole, ao serviço do infante D. Henrique. foi mandado povoar em 1461, pelo infante D. Fernando, sendo Fernão Gomes, em 1510, o seu primeiro capitão donatario. Em 1520 foi novamente doada ao conde de Penella, e em 1556, a D. João de Vasconcellos e Menezes para casar com D. Joanna de Sá, camareira da rainha.

Recebeu primeiramente o nome de ilha de S. Philippe, que trocou depois pelo de ilha de Fogo, em consequencia do seu vulcão; e a contar do reinado de D. João IV, começou tendo governadores de nomeação regia.

Por diversas vicissitudes tem passado a ilha: não poucos flagellos a têm desolado, reduzindo-lhe repentinamente o numero de habitantes.

As fomes de 1731 a 1733, de 1774 a 1775, de 1831 a 1832, de 1855 a 1856, de 1864 a 1866; o cholera morbus em 1855, foram os mais terríveis açoites que a fustigaram.

As oscillações da sua população, patentes nos annos *infra*, de se bejo o demonstram.

	Habitantes
Em 1730	13.000
» 1770	14.000
» 1810	8.500
» 1828	24.400
» 1832	4.000
» 1855	13.101
» 1860	13.341
» 1864	14.426
» 1867	7.441
» 1871	8.935
» 1873	10.300
» 1874	11.788

De 1810 a 1828 nada encontrámos publicado ácerca d'este assumpto: e admira na verdade como n'um praso, relativamente tão curto, podesse quasi triplicar a população.

Ainda mais maravilha a diminuição rapida, que a mesma experimentou de 1828 a 1832; isto embora sejam bem conhecidos os estragos que a fome de então causou.

Parece portanto que, a despeito de serem officiaes, não podem merecer inteiro credito os dados estatísticos apresentados, nem em geral o merecem as estatísticas feitas n'um paiz como este, onde se encontra repugnancia invencível para trabalhos d'essa ordem.

Todavia a approximação basta, para se apreciarem os transe afflictivos por que tem passado aquelle pobre povo, e, a par d'isso, a grande força vital que n'elle reside.

Segundo o recenseamento relativo a 31 de dezembro de 1878, ultimo publicado, havia na ilha, 12:221 habitantes; sendo 5:566 do sexo masculino, e 6:655 do feminino, dividido por quatro freguezias: Nossa Senhora da Conceição, S. Lourenço, Nossa Senhora da Ajuda, Santa Catharina.

Esta população era por ellas distribuida como do quadro *infra*.

Freguezias	Habitantes	Sexos	
		Masculino	Feminino
Nossa Senhora da Conceição	2:671	1:185	1:486
S. Lourenço	5:179	2:341	2:838
Nossa Senhora da Ajuda	3:776	1:765	2:011
Santa Catharina	595	275	320
	12:221	5:566	6:655

Em 31 de dezembro de 1883 contava a ilha, conforme informações officiaes, 15:159 habitantes de ambos os sexos.

Qual a media do movimento da população não póde precisar-se, por absoluta carencia dos esclarecimentos indispensaveis.

Do quadro que segue se verá, porém, o relativo a 1860 e 1871, que, sendo como foram annos regulares a todos os respeitoes, bem podem servir para se avaliar por elles o dos demais annos.

Freguezias	1860					1871				
	Baptisados		Obitos		Casamentos	Baptisados		Obitos		Casamentos
	Sexo masculino	Sexo feminino	Sexo masculino	Sexo feminino		Sexo masculino	Sexo feminino	Sexo masculino	Sexo feminino	
Nossa Senhora da Conceição ...	40	48	19	27	3	63	66	20	18	8
S. Lourenço	71	72	60	72	10	127	106	29	45	21
Nossa Senhora da Ajuda	54	64	17	18	6	92	100	21	36	14
Santa Catharina	6	8	-	-	1	18	16	1	2	4
	171	192	105	117		300	288	71	101	
	363		222		20	588		172		57

Na freguezia de Santa Catharina, onde a longevidade é grande e notavel, não é cousa rara passar-se um anno sem fallecer ninguem, como se deu no de 1860.

Em 1883, sem que possamos descriminar os sexos nem as freguezias, sabemos todavia que o numero dos baptisados foi de 366, e de 213 o dos obitos.

Casamentos no referido anno houve 25.

Em cada uma d'estas freguezias ha actualmente uma escola regia de instrucção primaria elementar para o sexo masculino. Na parochia de Nossa Senhora da Conceição, que é a matriz, funcionam mais: uma escola de instrucção primaria para o sexo masculino, outra regia para o feminino.

A população escolar em 1883 era de 259 alumnos.

A povoação principal da ilha é a villa de S. Philippe, fundada pelo primeiro capitão donatario Fernão Gomes, sede da camara municipal e de todas as repartições publicas.

Foi na villa de S. Philippe onde morreu no exilio o nosso bem conhecido poeta Nuno Alves Pereira Pato Moniz, o *Lamartine* portuguez.

No sopé da quebrada em que se eleva a villa ha dois portos, ou para melhor dizer, costas de mar, onde fundeiam embarcações de qualquer lote, separados um do outro por uma ponta ou lingueta de areia; o que na verdade leva a consideral-os apenas como um só.

Denominam-se: porto da Villa e porto de Nossa Senhora da Encarnação (Porto da Luz, das cartas) dando-se a circumstancia notavel, das areias que os formam mudarem todos os annos de leito, conforme as estações, passando de um para o outro porto.

De 15 de maio a 15 de novembro toda a areia do porto de Nossa Senhora da Encarnação passa para o porto da Villa. De 15 de novembro a 15 de maio volta novamente a areia para o primeiro porto; o que faz com que se mudem, segundo esses periodos, o ancoradouro dos navios, e o desembarque, em nenhum d'elles nada bom.

É esta mudança de areias um phenomeno realmente curioso, que não sabemos explicar.

Alem d'estes portos ha ainda na ilha os seguintes fundeadouros para barcos de pequena lotação: Alcatraz, Casinha, Corvo, Egreja, Salina.

No da Egreja, nos Mosteiros, ao N. da ilha, embora pouco seguro, podem fundear embarcações maiores; mas abertos ao commercio ha apenas os dois portos da villa.

Todas as praias são de areia preta. Nas do porto da Villa e de Nossa Senhora da Encarnação, onde está a alfandega e diversos armazens de particulares, aquece ás vezes tanto a areia com os raios do sol, que chega a esaldar, podendo-se n'ella coser ovos; sendo preciso em certas occasiões estender tábuas, para atravessal-as sem grande incommodo.

A ilha do Fogo forma um só concelho, e é uma das mais productivas de todo o archipelago, apesar da sua escacez de agua nativa, que só quasi exclusivamente se encontra no litoral. A Praia Ladrão, onde existe a principal nascente, que serve para abastecimento da villa, dista d'esta approximadamente 12 kilometros.

Ali vão buscar a agua no dorso de burros, em grandes odres a que chamam *barquinos*, os quaes, sendo exteriormente untados com azeite de purgueira, para se conservarem, lhe communicam um gosto desagradavel, o que é pena, por ser ella de superior qualidade.

Para o S, a 8 kilometros da villa, ha ainda a nascente de Nossa Senhora do Socorro, que todos os dias é coberta pelo mar, desaproveitada por falta de caminho; e, a cerca de 6 kilometros, a da Pena, d'onde se abastece o povo d'aquelles contornos, e onde vae beber bastante gado.

Nos Mosteiros ha tambem duas nascentes abundantes: Fajanzinha e Monte Vermelho, não se aproveitando a segunda pela ruindade do seu caminho.

Na praia denominada da Fonte da Villa existe uma fonte com muita agua, de que os habitantes se servem para diversos usos domesticos, e mesmo para beber, embora seja algum tanto salobra. E para os mesmos fins se aproveitam da agua de um poço aberto na ribeira de S. Philippe, que não é melhor.

Na bôca da mesma ribeira encontra-se outro poço, dito do Boqueirão, cuja agua, apesar de sulphurosa, é utilizada para diversos serviços caseiros.

No interior ha tambem alguma agua, em *chupadeiros*, a que chamam assim talvez, porque a agua dos mesmos, caíndo em lagrimas das rochas, é absorvida pelo solo, sem que chegue a correr.

As maiores nascentes fóra do litoral, e essas importantes, são a do Curral-Fumo e da Aguadinha, na freguezia de S. Lourenço, as quaes, embora distantes, poderiam com vantagem canalisar-se até á villa.

É a ilha do Fogo sulcada por grandes ribeiras que, quando chove, levam muitissima agua de que o povo bastante se utiliza. Em algumas d'ellas formam-se magnificas quedas, ou cascatas, a que chamam *spanadeiros*.

As ribeiras principaes, a contar para o N. da villa, e seguindo em roda; são: Trindade, Pico, Sanha, Mulata, S. Jorge, Mangerião, Aguada, Inferno, Ozoria, Colunjur, Fajanzinha, Lapa d'Arro, Baleia, Montado, Patim, Vicente Dias.

De edificios publicos, alem da igreja matriz, que é um bonito templo de recente edificação, e de uma pequena casa de alfandega, nada mais se encontra digno de nota; nem mesmo a igreja dita da Misericordia, que como edificio se não pôde contar.

As igrejas do interior só podem chamar-se uns grandes barracões. A de Santa Catharina está desmornada, achando-se outra em construção, porém em grande atrazo.

Encontram-se na villa de S. Philippe e seus arredores bastantes ruínas de capellas e fortificações, que revelam a sua importancia passada.

Para bem se avaliar esta, bastará saber-se que havia na villa tres fortalezas: presidio, forte de D. Carlota, forte de Nossa Senhora da Encarnação, e nove igrejas ou capellas: Nossa Senhora da Conceição, Misericordia, S. Philippe, S. Sebastião, S. Pedro, S. Francisco, S. João, Santa Luzia, Nossa Senhora da Encarnação, das quaes só as duas primeiras existem, reedificada a que em primeiro logar se indica.

De algumas obras antigas, taes como: a porta fortificada, que fechava a entrada da villa, na bôca da Ribeira de S. Philippe, feita, vae em tres seculos, por Christovão de Gouveia Miranda, o pelourinho, e o presidio, recinto fortificado com muita artilheria, alojamentos para tropa, prisões, paiol, etc., onde existia a capella de S. Sebastião, nem sequer vestigios restam.

Logo á entrada da villa, sobranceiro ao porto da mesma, é que se encontra o forte Carlota, ou de D. Carlota, que por ambos estes nomes é conhecido, onde actualmente se hasteia a bandeira nacional.

Este forte, reparado ha pouco, foi construido pelo capitão Silvestre Osorio Galvão, em 1705, segundo resa uma inscripção meio apagada, que se lê em uma lapida, que sobre a porta de entrada tem embutida.

No interior da ilha existem tambem varias capellas dispersas, como a de Nossa Senhora da Luz, ao N., a de Nossa Senhora do Socorro, ao S.; aonde todos os annos grande copia de povo vae adrede em romaria nos dias das respectivas festividades.

Os caminhos que communicam a villa com os pontos principaes do interior são geralmente rasoaveis; havendo mesmo um bom caminho da villa á Praia Ladrão, e até S. Lourenço; achando-se muito adiantado o que ha de ligal-o com os Mosteiros, que é obra de maxima importancia e utilidade.

A ilha do Fogo é uma terra essencialmente agricola, de muita uberdade: apesar do grande atrazo em que ali se encontra a agricultura, como nas demais ilhas do archipelago, e dos processos primitivos empregados, produz muito milho, *bonge*, ou *fabinha* (feijão branco como o de Hollanda), *fabona* (feijoca), *feijão-pedra* (variedade de dolichos, base da alimentação do povo), diversas outras qualidades de feijão, batatas, batata doce de diferentes qualidades, mandioca, algodão, tabaco, anil, mancarra, semente de purgueira, cana sacharina, e bastante café, o melhor da provincia.

Dá tambem, em abundancia: hortaliças diversas, aboboras, pepinos, melões e excellentes melancias.

Produz igualmente: ananazes, anonas, bananas, cajús, côcos, goia-

bas, mamões, mangas, maracujás, papaias, pinhas, tamaras; bem como alfarrobas, ameixas, amoras, cidras-lima, figos, laranjas, limas, marmellos, nesperas, romãs, tangerinas, uvas (duas vezes no anno) e por amostra, maçãs, pecegos e peras.

Se houvesse curiosidade, muito bem se poderiam obter quasi todas as fructas dos tropicos e da Europa.

Grande parte do terreno productivel, que é muito feraz, está por cultivar; e a ilha, geralmente fallando, desarborizada.

Attinente a plantas tintureiras, e a outras materias corantes, não é ella tambem das menos favorecidas; pois ali se encontram: açafraão, anil, sumagre, estrella, urzella, cochonilha e diversos oeres, o que tudo muito bem poderia ser devidamente utilizado.

Nada, porém, se aproveita, afóra alguma urzella, que é exportada para Lisboa, e o anil, com que os indigenas tingem os pannos e as meadas de algodão, que lhes serve para tecer colchias, etc., limitando-se todo o preparo que este recebe a triturarem levemente a planta, fazendo d'ella pastas ou bolos que seccam ao sol.

A cochonilla por lá anda abandonada sobre os nopaes, onde se cria e morre sem que ninguem d'ella cure; isto apesar de saberem lhes poderia dar rendimento rasoavel.

Era, porém, preciso para obter algum resultado empregar certo trabalho, e d'elle é que, ainda mal, todos fogem n'estas paragens, aproveitando-se apenas do que a natureza provida lhes offerece, com pouca ou nenhuma fadiga.

Tambem ha na ilha abundancia de dragoeiros, mas a sua resina (sangue de drago) corre desaproveitada, encontrando tão sómente o insignificante emprego de dar côr á aguardente da provincia, que diversos amadores preferem beber corada. Chamam-lhe *al-drago* e, como medicamento, encontra limitado uso na cura de feridas recentes e nas hemoptysis.

A *acacia-vera*, abundantissima, igualmente em pura perda deixa correr excellente gomma-arabica.

A *palma-christi*, a *bombardeira*, por lá vivem do mesmo modo desprezadas, para bem pouco servindo.

Em plantas e fructos medicinaes, de que na ilha fazem mais ou menos uso, e abuso muitas vezes, ha a enumerar, conservando-lhes os nomes da terra:

Agrión (agriões), *aibenca* (avenca), *aipo-ulfice*, *arruda*, *babosa* (aloes), *balancia* (melancia), *balanci'al sancho*¹ (coloquintidas), *balnéda*, *balsamo*, *batata d'arro*² (jalapa), *batata inglesa* (*solanum tuberosum*), *bei-tés*³, *belgata*, *hordóléga* (beldroegas), *café*, *cajú*, *calbacêra* (boabade o seu fructo), *cana* (cana sacharina), *canafrista* (canafistula), *cardo santo*, *carigo* (cana), *cibra*, *cuendro* (cuentros), *contêra*, *denti-lion* (taraxaco), *douradinha*, *dragoero*, *eucalyptos*, *fabamargis*, *fabafeticêra* (fava de Santo Ignacio), *fedégosa*, *fel da terra*, *fetal* (feto macho), *figuêra de Portugal* (figueira), *funcho*, *gingibre*, *gestiba*, *goiabêra*, *grama*,

¹ Melancia de macaco.

² Batata de burro.

³ Velho tesó.

herba (herva santa), herba-cidrêra, herba-doce, jague jague (palma Christi), labaca, laço-finado, lantisco (aroeiro), lavangêra, lecrin (alecrim), limon, limi'l mar (laminaria), lingu'al bacca¹ (buglossa), lôlô, losna, marcella, malba, malbaisco (althea), mandioca, mangiroua (mangericão), marmello, mata-passo², miço³ (milho), mochicho (pepino de S. Gregorio), molon (melão), morroi (marroyos), mostarda, mostarda-branca, ortalon, ortalon-pimenta, paja-fede⁴ (astramónio), paja-Thomaz, papaia, peceguêro, péga-cabrito, pepino, pimenta (pimenteira), purguêra, quina, rama (especie de figueira brava), roman (romeira e romã), roza, salsa, sambucho (oliveira), San Cactano, sarraja, segurêja, sême, solano, sumagre, tambra (tamaras), tambarina (tamarinheiro e tamarindos), tanchaz⁵ (tanchagem), Tãxêrinha, tinta (anil), tortojo (euphorbio), ub'al cachô⁶ (doce-amarga).

Dos eucalyptos, pimenteiras e quinas, podem por enquanto contar-se os pés, tão insignificante é o seu numero, mas, tanto umas como os outros, parece poderão bem aclimar-se.

A industria da ilha do Fogo consiste apenas no fabrico de pannos, colchas e rendas de bilros, que manda em quantidade para as outras ilhas, e mesmo para a Guiné; e no de algum assucar, aguardente, mel de cana, farinha de mandioca, sabão e azeite de purgueira, para consumo.

Em tempos consta ter exportado bastante vinho: hoje unicamente se fabrica para uso da terra um vinho palhete, tinto e branco, a que chamam *mijarrella*, que não é mau.

Os officios mechanicos, segundo o já citado recenseamento de 1878, achavam-se assim representados:

Alfaiates e costureiras	77
Calafates	2
Carpinteiros	12
Ferreiros	4
Marceneiros	1
Marinheiros	13
Padeiros	2
Pedreiros	24
Pescadores	11
Sapateiros	2
Tecelões, fiadeiras e rendeiras	950

É a ilha bastante rica em gado de todas as especies, exportando para as outras ilhas que d'elle carecem, muito gado vaccum e suino.

Nos annos abaixo designados, segundo os recenseamentos respectivos, fóra da duvida bastante inexactos para menos, existia o seguinte:

¹ Lingua de vacca.

² Mata passaros.

³ O *th* apresenta-se em creôlo como *j*, tendo o som d'esta letra em inglez.

⁴ Herva mal cheirosa.

⁵ O *ch* tem em creôlo o mesmo som que se lhe dá em inglez.

⁶ Uva de cão.

Designação do gado	Numero de cabeças		
	1871	1874	1880
Vaccum	3:375	3:725	4:475
Cabrum	18:708	13:687	2:632
Lanigero	1:437	2:000	371
Cavallar	269	190	209
Muar	6	11	77
Asinino	1:223	1:233	1:205
Suino	?	?	161

¹¹ Os cavallos e muares, de muito boa raça, andam desferrados como em toda a provincia.

O interior da ilha abunda em caça: pintadas (a que chamam *galinha-Guiné*), codornizes e cabras montezez, ditas cabras da serra, nome que tambem dão ao Pico.

¹² O mar que a cerca é muito piscoso.

¹³ A receita publica annual, em numeros redondos, avança a réis 14:000\$000.

¹⁴ A receita municipal a 3:000\$000 réis.

¹⁵ O rendimento collectavel da propriedade no corrente anno, segundo o mappa de repartição respectiva, é de 61:454\$710 réis.

¹⁶ No centro da ilha, pouco mais ou menos, acha-se o vulcão, ou, para melhor dizer, é no centro da ilha onde estão as crateras do vulcão, que ella toda constitue.

¹⁷ A sua descripção geologica está feita no relatorio de Felix Antonio de Brito Capello, já citado, o ocioso seria fallar d'este assumpto, limitando-nos a indicar o *Boletim official do governo geral de Cabo Verde*, n.º 205, de 8 de junho de 1857, onde esse importante trabalho vem publicado.

¹⁸ E a seu respeito temos dito; pelo que continuaremos tratando do Pico, ou vulcão por excellencia, e das suas erupções.

¹⁹ Quando, o vulcão da ilha do Fogo começou a ser conhecido, nem o predito relatorio o diz, nem é cousa que se saiba.

²⁰ Qual foi a sua primeira erupção, ignora-se.

²¹ A noticia mais antiga, que se encontra a tal respeito, é de 1563. As erupções de que ha conhecimento, algumas constantes de obras de que apenas os titulos podemos citar, são as seguintes:

Seculo XVI

1563. *Voyage of mr. George Fenner, to Guiné, and the Islands of Cap Verde, in the year 1566, etc.*, written by Walter Wren. Collecção Hakluyt, tomo II.

1577. *Voyage of mr. John Winter, in the south sea by the streight of Magellan, in consort with mr. Francis Dracke, beegen in the year, 1577*, written by Edward Cliffe. Mesma collecção, tomo III.

1599. *A true relation of the voyage undertaken by sir Anthony Sherley, knight, in the year 1596, intended for the isle of San Thomé, but performed to Sant Yago, Dominica, Margarita, etc., with the memorable exploitcs archived in all this voyage.* Dita collecção, tomo III.

Seculo XVII

1604. Jean Mocquet, *Voyage en Afrique, Asie, Indes Orientales et Occidentales, 1645.* Avant propos au livre II.

1675. *Diccionario geographico das provincias e possessões portuguezas no ultramar,* de José Maria de Sousa Monteiro. *Diccionario encyclopedico,* de D. José Maria d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda.

1680. Os mesmos. José Joaquim Lopes de Lima, *Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas.*

1683. Guillaume Dampier, *Nouveau voyage autour du monde,* 1723, tomo I.

1689. John Ovington, *Voyage to Surat in the year 1689 with a description of islands.* Madeira and Santa Helena, tomo I.

1693. *A journal of a voyage made in 1693 and 1694* by Thomas Phillips. Collection of voyages and travels some now first printed from original manuscripts, others now first printed by assignement by Churchill, tomo VI.

1695. *Relation d'un voyage fait en 1695, 1696 et 1697, aux isles d'Afrique,* etc., par une escadre de vaisseaux du roi, commandée par mr. de Genes, fait par le sieur Froger.

1697. Guillaume Dampier. *Nouveau voyage autour du monde,* 1723, tom. IV.

1699. *Relation journalière d'un voyage fait en 1698, 1699, 1700 et 1701,* par mr. Debeauchesne, capitaine de vaisseau, au îles du Cap Vert, côtes du Brésil, etc., fait par le sieur Duplessis, ingénieur. Manuscrito do deposito da marinha.

Seculo XVIII

1712. *Voyage à la mer du sud,* par Fresier.

1713. *A voyage to and from the island of Borneo, etc.,* by the cap. Daniel Beckman.

1721. Georges Roberts. *Histoire des voyages,* par l'abbé Prevost, tom. II.

1725. Idem.

1757. *Noticia chorographica e chronologica do bispado de Cabo Verde, desde o seu principio até o estado presente* (1884). Manuscrito da bibliotheca nacional de Lisboa. Chelmicki e Varnhagen, *Chorographia Caboverdeana.*

1761. O mesmo manuscrito. Sousa Monteiro, *Diccionario geographico.* Chelmicki e Varnhagen, *Chorographia Caboverdeana.* Correia de Lacerda, *Diccionario encyclopedico.*

1769. *Extracto de um fragmento de João da Silva Feijó,* citado

por Lopes Lima, *Ensaio estatistico.* Chelmicki e Varnhagen, Sousa Monteiro, Correia de Lacerda, obras citadas.

1785. Os mesmos.

1799. Sousa Monteiro, dr. Castilho, *Memorias sobre as ilhas de Cabo Verde, Jornal da sociedade dos amigos das letras em 1836,* Correia de Lacerda.

Seculo XIX

1816. Chelmicki e Varnhagen, *Relatorio de Felix Antonio de Brito Capello,* Correia de Lacerda.

1847. O citado relatorio. *Comunicação no Boletim official da provincia n.º 183 de 1847.* Correia de Lacerda.

1852. Dito relatorio. *Visita ao vulcão da ilha do Fogo,* em março de 1858, *Boletim official da provincia n.º 85,* do referido mez e anno.

1857. *Comunicação no Boletim official da provincia n.º 20,* do mesmo anno.

Mais alguns escriptores, de que não temos noticia, terão porventura fallado do vulcão da ilha do Fogo. De outros, como Sainte Claire Deville, é com bem de mágua que só nos é dado citar o nome, por não termos á mão o que acerca d'elle escreveu.

A respeito das erupções, que indicadas ficam, convem declarar-se o seguinte:

A de 1596 foi vista em viagem em 11 de setembro do referido anno.

A de 1599, diz Sherley, que, passando perto do vulcão em actividade, observou que expellia grande quantidade de cinzas.

A de 1604, só se sabe que o vulcão estava em actividade em março d'esse anno.

A de 1675, de que se ignora o mez e dia, foi acompanhada de um terremoto tão violento, que fez fugir para a ilha Brava muitas familias a procurarem ali abrigo. A expulsão de lavas, a que esta erupção deu lugar, destruiu a maior parte das sementeiras nos arredores do vulcão.

A de 1683 é duvidosa; pois Guillaume Dampier, que d'ella falla, não declara tel-a visto.

A de 1785 durou desde 24 de janeiro até 25 de fevereiro. Principiou por um grande abalo de terreno, sentindo-se grande estrondo no interior do Pico á semilhança de trovões, estrondo que se ouviu em toda a ilha.

Depois, a meia encosta do grande cono, abriu-se perpendicularmente o pico, tornando logo a fechar-se, tendo primeiramente ejectado grandes golfadas de escorias, muita cinza e pedras.

Então abriram-se diversas bocas, de espaço a espaço, por toda a montanha, da parte ENE. até ao mar, saindo por ellas torrentes de fogo e lava, e tanta cinza e fumo, que fez escurecer o ar.

As principaes bocas abertas n'esta erupção foram na base do vul-

ção, no monte de Losna, e foi por essas bôcas que saíu a maior porção de lava, as quaes formaram quatro montes novos.

Estes tambem se abriram verticalmente e expelliram muita lava, que descendo pelo lado de ESE. se dividiu em duas ribeiras de fogo, das quaes uma foi entulhar o valle de Palla Carga, e a outra se espalhou pela planicie da Relva, destruindo os vinhedos, as plantações de algodoeiro e alguns casebres.

A lava expellida das bôcas que abriram para ENE., tambem inundou muito terreno, indo entrar, a que saíu da ultima bôca, cerca de 50 metros pelo mar dentro.

A maior violencia d'esta erupção foi nos primeiros sete dias, chegando as cinzas e areia da mesma á ilha do Maio, a 90 milhas approximadamente de distancia.

A ilha do Fogo ficou coberta d'ellas por uma camada de 22 centimetros, segundo se affirma.

A de 1799 durou de 2 a 28 de junho. A sua descripção desenvolvida seguirá ao diante.

A de 1816, a que Chelmicki e Varnhagen e Felix Capello chamam de 1817, só se sabe a seu respeito ter a lava corrido para NE., chegando até ao mar, gastando no seu percurso tres dias, e que, depois d'ella, só annunciava a existencia do vulcão uma nuvem de fumo, mais ou menos claro e denso, que surgia do seu cume de tempos a tempos, sendo acompanhado este acto por tremores de terra na ilha Brava.

A de 1847 começou a 9 de abril, pelas sete horas e sete minutos da tarde, repellido ás sete horas e vinte e quatro minutos, e ás oito horas e sete minutos, com mais violencia, abrindo o vulcão sete crateras nas suas faldas, entre os sitios da Antonilha e Relva, expellindo por uma d'ellas um penedo enorme, que foi cair no mar, causando um horrivel estampido.

Depois começou a lançar areias, e a arrojar lavas ardentes pelas sete crateras, lavas que, indo confluír no sitio da Relva, foram levando diante de si animaes, casas, palhoças e toda a cultura de vinhas e mandioca, entrando pelo mar dentro, gastando quatro horas a percorrer as 3 milhas do terreno, que ha, pouco mais ou menos, de distancia das faldas do vulcão ao mar.

Diz mais o administrador do concelho do Fogo, na participação que fez d'esta erupção, terem caído muitas casas, por causa do tremor de terra que a acompanhou, desabando tambem algumas rochas, causando graves prejuizos.

Felix Capello, por visível troca de algarismos, chamou-lhe de 1846.

A de 1852, teve logar a 19 de fevereiro, das duas para as tres horas da madrugada. As torrentes de lava não chegaram ao mar, ficando proximamente a meio caminho.

A diante se lerá a sua descripção mais circunstanciada.

A de 1857 manifestou-se a 27 de junho, pelas quatro horas e meia da tarde, approximadamente, expellindo o vulcão tanta cinza e areia, que fez escurecer o ar, indo cair parte d'ellas na vizinha ilha Brava.

Em novembro houve nova erupção no sitio da Mã Joanna¹, a qual causou grande prejuizo, levando os fructos da terra, derrubando onze casebres e estragando muito terreno. No sitio da Bombardeira, a lava tambem derrubou algumas casas, e fez não pequenos estragos.

Das outras erupções nada mais sabemos, alem do millennio em que foram vistas.

Descripções desenvolvidas d'este magestoso, mas horrivel phenomeno, apenas temos as concernentes aos annos de 1799 e 1852, como já se disse.

São essas dignas de todo o credito por serem escriptas pelos então chefes da provincia.

A primeira, com data de 30 de abril de 1800, é assignada pelo governador e capitão general de Cabo Verde, Marcellino Antonio Basto, e, embora muito atrazada no respeitante a chimica e geologia, o que não admira, e na exposição das condições de existencia da ilha do Fogo, hoje inteiramente diversas do que então eram, é um documento inedito e realmente curioso sob diversos pontos de vista, pelo que nos pareceu deveh-o transcrever sem nada alterar da sua disposição, afóra a orthographia por antiquada.

Este documento acha-se transcripto no volume n.º 58, do archivo da secretaria geral do governo d'esta provincia.

É o seguinte:

«Memoria sobre a ultima erupção do Pico da ilha do Fogo, com as reflexões sobre as suas producções vulcanicas.

«30 de abril de 1800.

«§ 1.º O pico vulcanico da ilha do Fogo, que ha annos estava como extincto, acaba ultimamente de fazer nova erupção, em o dia 2 de junho do anno passado, pelas onze horas do dia, em tudo identica á do anno de 1785.

«§ 2.º Uma grande commoção subterranea, que fez abalar toda aquella ilha com fortissimos estrondos, á maneira de horriveis trovões no pico, foi o primeiro signal d'esta erupção.

«§ 3.º Inmediatamente principiou o pico a fender-se e a lançar de si em golfadas torrentes de escorias pretas e cinzas, vindo depois a fechar-se em um instante.

«§ 4.º A materia incendiada, que com oppressão circulava pelo interior d'esta montanha, com a dilatação do ar correndo por onde menos resistencia encontrava, veiu abrindo de espaço em espaço, desde a sua base até ao mar pela parte de E., diferentes bôcas, por onde expulsava torrentes de fogo, e fazia correr immensa quantidade de pedras, umas queimadas outras derretidas, que foram inundar grande parte do terreno com cinzas e espesso fumo, que levadas ao ar faziam escurecer todo aquelle circuito.

«§ 5.º Durou esta erupção vinte e seis dias continuados, sendo a sua maior força nos primeiros nove dias.

«§ 6.º Justamente na base d'este pico, da parte de E., se abriram varias e profundissimas bôcas, por onde saíu a maior força do incendio e materias vulcanicas, que deram origem a varios montes no-

¹ Mã Joanna.

vos, immediatos uns aos outros em linha recta e em a mesma direcção.

«§ 7.º Das bôcas d'estes montes, que igualmente se abriram, saíu grande quantidade de lavas, que dividindo-se em duas ribeiras alagaram uma planície a que chamam a Chada Chan, levando treze choupanas no logar denominado Palha Carga, e unidas depois entulharam uma ribeira chamada a da Pulgueira Grande, tomando mais de oitenta alqueires¹ de fertil terreno, lançando-se vinte lanças ao mar no sitio a que chamam Baixa do Survão, ao N. da Ribeira da Antoninha.

«§ 8.º D'esta materia uma parte era meramente pedra queimada, preta, pesada e cheia de cavidades, vitrificada, e nos seus buracos, cheia de alguns crystaes pretos, outros amarellos, mui quebradiços, a meu ver uma especie de *saxum*, que no paiz chamam *pedra de lagido*.

«§ 9.º Outra porção vinha como derretida, affluindo correndo brandamente como um metal em fusão, esta por onde corria ia formando grossos bancos em abobadas, deixando dilatados canaes subterraneos, alguns de duas varas de largura.

«§ 10.º Sobre esta lava, que no seu curso ia formando os bancos, em ondas, ainda corria outra, preta como em espuma á maneira de escoria metallica, procedida sem duvida do ar, que, achando-se comprimido no seu interior, constituia no meio de taes torrentes de lava grossas bolhas, que depois arrebentando fazem a sua superficie mui aspera, esponjosa, desigual, e a mesma pedra leve, assimilando-se a materia de lapis de riscar, que correndo derretida vae formando varias e agradaveis figuras de escultura e architectura.

«§ 11.º Em algumas bôcas vulcanicas esta lava pela parte interior dos bancos vae em fórma de fogo, procedido de haver-se ali demorado o fogo subterraneo por mais tempo, formando as mais bellas configurações.

«§ 12.º São compostos geralmente estes montes de uma escoria grossa, da natureza das lavas, tinta de ocre de ferro vermelha, sendo sustentada em alguns de bancos de lava compacta.

«§ 13.º Em todos estes montes se observam profundas bôcas, por onde continuamente sae e se exhala um intensissimo e insupportavel calor, mostrando igualmente nas paredes d'estas aberturas terriveis precipicios.

«§ 14.º Este calor faz exhalar alguma quantidade de enxofre, que parte aos poucos se vae condensando, e crystallizando em finissimas agulhas, pelas superficies inferiores das pedras e escorias, quando a outra parte se perde pela atmospherá, d'onde vem o insupportavel e suffocante cheiro sulphureo d'aquelle sitio.

«§ 15.º Em um d'estes montes a superficie á primeira vista parece ser coberta de enxofre pela côr que affecta, porquanto todo aquelle terreno é composto de uma terra amarella, que não é outra cousa mais que um pouco de *selenites calcareo*, com mistura insignificante de enxofre, d'onde provém o pegar lume como se fosse o mesmo enxofre.

«§ 16.º N'este mesmo terreno se acha quantidade de pedras bran-

¹ Hectares 130,09.

cas, leves e esponjosas como caramelos, em cujos intersticios se notam crystaes de enxofre formados pela sublimação.

«§ 17.º Nas grutas encontra-se algum enxofre, porém, como o calor e o mesmo fogo ali é intenso, não ha quem o possa tirar, e por consequencia se vae desfazendo sem utilidade alguma.

«§ 18.º Alem do enxofre se observa n'estes montes pela superficie do terreno quantidade de uma materia salina adstringente, e como em farinha, que não é outra cousa mais que o vitriolo romano, a que chamam caparosa com mistura de pedra lume.

«§ 19.º Em um d'estes montes se encontra este vitriolo de ferro pelas fendas dos bancos de lavas, em fórma de espuma concreta e volumosa, e ali tambem se acha uma terra amarellada areienta com o mesmo sabor de caparosa.

«§ 20.º Esta mesma caparosa ainda se acha alguma pelas paredes das bôcas dos outros montes, de côr branca, porém o calor e o fogo do interior não dão logar á sua extracção.

«§ 21.º Pelas fendas interiores dos canaes subterraneos formados pelas lavas se acha insignificante porção de sal ammoniaco nativo e branco á maneira de farinha. É necessario que exista no interior d'este vulcão o acido marinho e um alcali volatil absolutamente necessario para a sua formação.

«§ 22.º É de notar que este sal volatil só se observa sublimar-se nas fendas e cavidades d'aquellas lavas, depois de extincto o fogo que as tinha em fusão; logo é de crer-se que elle fazia parte do total da lava, quando ardente, e que sendo volatil de sua natureza não se podia evaporar, d'onde vem pois a origem d'este sal? Quanto ao acido marinho, pôde provir da decomposição do sal commum da agua do mar, com quem o mesmo vulcão se communica, e o alcali é de presumir-se seja o mesmo alcali mineral do sal commum, modificado ou degenerado pelo acido phosphorico do fogo.

«§ 23.º Não é só a presença do acido marinho, que entra na composição d'este sal, que faz persuadir da comunicação subterranea d'este novo vulcão com o fundo do mar, o sal marinho ou commum, que se acha pelas pedras ou lavas que foram expulsadas, dá sufficiente prova d'esta comunicação.

«§ 24.º A 28 de junho cessou a erupção inteiramente; no dia 14 de janeiro do corrente anno se sentiu n'esta ilha e nas de S. Nicolau, S. Vicente e Santo Antão a uma mesma hora, sendo logo depois das dez da noite, uma commoção subterranea; sendo esta insignificante n'esta capital, augmentou progressivamente quanto mais para o N., caíndo na ultima algumas casas sem que chegasse a erupção.

«§ 25.º Até aqui a descripção physica do vulcão, com a enumeração das suas produções: passo a fazer algumas reflexões sobre o estado actual d'estas minas e produções, a utilidade que podem causar ao commercio d'estas ilhas, e os meios applicaveis para o seu producto.

«§ 26.º Todos sabem o uso que têm estas produções vulcanicas no trabalho das artes, principalmente o enxofre, que é o principal ingrediente da polvora, e apesar da pequena consequencia d'ellas no commercio, pelo mediocre preço por que são reputadas, comtudo não

deveria ser desprezado um objecto que, quando pouco lucrativo, a provida natureza offereceu de mão liberal em proveito de uma porção de miseraveis homens, que nada têm a seu favor, em uma ilha cujo terreno é arido, secco, sem agua até para as suas primeiras necessidades, e que toda a sua esperança de subsistencia está posta na contingencia de opportunas chuvas, para terem que comer, em uma ilha onde não ha commercio algum activo que não seja o de pequena porção de pannos, que entre elles figura uma moeda de convenção, e que levam para a ilha capital para haverem o que precisam.

«§ 27.º A vista do que não deixaria de ser interessante a estes insulares, o cuidado e trabalho d'aquella mina, que quando menos viveriam occupados, ajudando com aquellas producções o commercio geral d'esta capitania.

«§ 28.º Seria, porém, necessario que o principe regente nosso senhor, que tanto se interessa na geral felicidade dos seus vassallos, protegendo a d'estos miseraveis insulares, lhes mandasse a principio subministrar pela sua real fazenda os meios para elles commodamente se aproveitarem d'estas producções, com vantagem, já fazendo-lhes dar os necessarios utensilios, já mandando-os iniciar na pratica d'aquelle trabalho e manipulação, accomodando-os pois, já, finalmente, para os animar e fazel-os contentes, receber-lhes e pagar-lhes o que colhem.»

Assim fallava o governador e capitão general, Marcellino Antonio Basto, do commercio e importancia da ilha do Fogo no anno de 1800.

Para se avaliar, porém, quanto as cousas têm mudado, quanto a ilha tem prosperado de então para cá, intercalaremos aqui o seguinte mappa da exportação em dez annos dos seus mais valiosos productos — semente de purgueira e café — e diversos outros dados estatísticos a isso conducentes.

Mappa da semente de purgueira e café, exportado pela alfandega da ilha do Fogo, de 1874 a 1883:

Annos	Semente de purgueira		Café	
	Peso em Kilogrammas	Valor	Peso em Kilogrammas	Valor
1874.....	508:533	12:935\$900	5:684	1:438\$060
1875.....	188:832	4:670\$340	7:324	1:464\$800
1876.....	303:645	7:615\$500	6:740	1:612\$000
1877.....	197:531	5:161\$200	7:852	2:187\$880
1878.....	544:241	16:245\$920	9:190	2:220\$880
1879.....	322:700	9:980\$650	11:553	3:325\$380
1880.....	501:502	12:942\$800	11:256	2:685\$220
1881.....	550:295	13:942\$500	10:790	2:166\$960
1882.....	733:225	17:362\$900	12:231	2:642\$100
1883.....	144:855	2:707\$000	6:093	2:190\$000

«E deve notar-se que no mappa supra apenas figura o café despachado por exportação na alfandega da ilha do Fogo, o que não representa de modo algum o exportado; pois muito d'elle saê da ilha para a cidade da Praia, com despacho livre, e na alfandega d'essa cidade se despacha para fóra da provincia, podendo avaliar-se em 90:000 kilogrammas o total da exportação, em annos regulares, incluindo o café saído para as diversas ilhas do archipelago.

«Emquanto á semente de purgueira, a sua exportação media é de 450 moios da provincia, ou, approximadamente, 405:000 kilogrammas.

«A producção de milho, uns annos por outros, é de 1:500 moios da provincia, ou 37:433,7 hectolitros.

«A de feijão de diversas qualidades, 1:000 moios da provincia, ou 24:955,8 hectolitros.

«A exportação, em annos regulares, do primeiro genero, 500 moios da provincia, ou 12:477,9 hectolitros.

«Do segundo, 100 moios da provincia, ou 2:495,58 hectolitros.

«O valor da exportação annual de gado de toda a especie póde avançar a 10:000\$000 réis.

«A de pannos, colchas e rendas a 8:000\$000 réis.

«E, dando por finda esta digressão, voltaremos ao assumpto principal, deixando fallar acerca da erupção de 1852, o então governador geral d'esta provincia, conselheiro Fortunato José Barreiros, na descripção publicada no *Boletim official* n.º 85 de 19 de março do referido anno, embora por elle não assignada.

«Eil-a transcripta:

Visita ao vulcão da ilha do Fogo em março de 1852

«O vulcão da ilha do Fogo, que se achava apagado desde 1847, teve nova erupção no dia 19 de fevereiro ultimo, das duas para as tres horas da manhã, abrindo quatro crateras proximas, nas faldas do grande e antigo vulcão, pelas quaes correram outras tantas faxas de lava, reduzindo-se logo no dia immediato essas quatro crateras a uma unica, do diametro de 10 a 12 braças, e continuando em actividade até agora.

«Desejoso de observar de perto este magnifico espectaculo, passei no dia 2 de março á ilha do Fogo, e saindo da villa de S. Philippe, no dia 3 ás sete horas da manhã, depois de almoçar no Pico Pires, acompanhado por algumas pessoas, atravessei dezeseite valles, alguns bastante profundos e de margens de difficil accesso (a que no paiz chamam ribeiras), chegando á noite ao sitio denominado dos Mosteiros, aonde me alojei em casa do vigario da freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, depois de haver ido observar de uma praia distante, e de outro logar mais alto, a vista que offerecia de noite o vulcão.

«No dia 4, depois de haver almoçado, e tendo, assim eu, como as pessoas que me acompanharam, mudado de cavallo, pelas nove horas da manhã, comecei a subir a montanha (que tem 9:000 pés de altura) pelo sitio da Furada, para ver de dia o vulcão de perto; durou esta

subida tres horas e meia. Não é facil imaginar as difficuldades que ella offerece a cavallo por encostas por onde talvez raras cavalgadas tenham passado, porque ora por cima de lavas, ora por terrenos moveiços, formados de uma camada grossa de areias vulcanicas sobrepostas ao terreno vegetal, havia que subir quasi a prumo, outras vezes tive que descer por iguaes terrenos, e a maior parte d'ellas sem caminho aberto. Passando por um sitio da mesma encosta, chamado o Feijoal, tive occasião de observar a natureza em toda a força da criação, já nas frondosas laranjeiras, e bananeiras que por ali ha, já nos feijoades, mandiocueiras, etc., fazendo um perfeito contraste com o espectáculo que apresenta o vulcão, o do magnifico horroroso, isto é, o da natureza em toda a força da destruição.

«Colocado a 300 braças do vulcão que estava em actividade, e pouco depois a 250, mesmo defronte da borda mais baixa da cratera, pude observar perfeitamente aquelle soberbo phenomeno. No alto da enorme montanha que constitue a ilha do Fogo existe uma grande planicie, a que na ilha chamam Chan, que terá mais de uma legua de comprido, e entre meia legua e um quarto de legua de largura nas suas differentes partes, com uma fôrma elliptica irregular. Esta Chan é rodeada, nos tres quartos da sua circumferencia, de rochedos altissimos e alcantilados, assim para o interior, como para fóra, habitados por cabras silvestres, de côr escura, semelhantes na agilidade a macacos. A parte desguarnecida de rochedos, que olha para a ilha de S. Thiago, e que fica do lado de E., é a unica pela qual se pôde entrar na Chan. Sobre esta Chan, ou antes falda do grande vulcão, o qual tendo a fôrma conica, e sendo muito ingreme na parte superior, vae depois adoçando a ladeira das suas encostas até pouca distancia dos rochedos, sobre esta Chan, digo, existe o grande vulcão, de umas 40 braças de altura, mas que não deita lavas ha muito tempo, e só sim fumo em todo o anno, por duas fendas proximas da bôca, havendo de roda d'elle muitos outros mais pequenos, de umas 10 a 12 braças de altura, que se têm formado successivamente, e pelos quaes têm tido logar as ultimas erupções. O que se formou agora existe a umas 500 ou 600 braças da extremidade N. da Chan, sobre a falda do grande vulcão. Medindo tambem umas 10 a 12 braças de altura na borda mais alta, terá apenas 5 ou 6 na borda mais baixa, sendo por esta parte que correm duas faxas de lava, mas com pouca abundancia, porque é fornecida ás golfadas pelo vulcão, de intervallo a intervallo. O seu jogô é o seguinte: ouve-se um trovão subterraneo, semelhante ao de uma grande trovoadá imminente, e logo em seguida súa a prumo, com grande velocidade, pela bôca da cratera, uma massa de flamma avermelhada, tirante a carmezim, algumas vezes misturada com fumo, parte negro, e parte branco, que sobe com presteza a uma altura de 6 a 8 braças: poucos instantes depois vê-se cair de entre essa flamma que se desvanecce no ar, muitas pedras grandes e pequenas na voragem do vulcão, aonde vão fazer, juntamente com a columna de ar que a flamma comprimira, e agora se dilata, novo trovão, que se succede com o intervallo de um até dois segundos do antecedente, sendo os estampidos ora maiores, ora menores, mas sempre como os mais estrondosos que se ouvem nas trovoadas atmosphericas. Julgo que a dilatação do ar

recentemente entrado, promovida pela altissima temperatura existente no interior do vulcão, é que expulsa as pedras, e as materias derretidas que saem juntamente com a flamma, e que constituem a lava. Parece mesmo que as pedras saem no estado incandescente; porque só se distinguem de côr escura no acto da quôda, depois de terem perdido grande parte da temperatura no ar. A sotavento da cratera, o cheiro do enxofre era muito forte, não sendo perceptivel nos outros pontos da circumferencia do vulcão. O echo que as explosões successivas fazem nos rechedos circumvizinhos, torna quasi permanente, e ainda mais horroroso este ruído infernal. Nem senti tremer a terra, nem vi que as pedras ou materias expulsas deixassem de cair a prumo, de maneira que pareceu-me não haver perigo se me approximassê ainda mais do vulcão, o que todavia não fiz, por ver bem o jogo d'elle á distancia em que estava.

«Ha, como disse, grande numero de vulcões semelhantes ao que acabo de descrever, mas apagados, de roda do grande vulcão, quasi todos para E., e a Chan está pela maior parte coberta de lavas em grande altura: umas formando enormes massas compactas, e outras, partidas em pedaços maiores e menores, mas amontoados uns sobre os outros, e occupando grande extensão de terreno. É de crer que estas lavas, compactas na sua origem, fossem partidas pelos abalos e tremores de terra, que sempre precedem e acompanham as crupções, mas que não tiveram agora logar. A sua apparencia era geralmente a das escorias do carvão mineral, residuo das forjas dos ferreiros, constituindo, porém, pela maior parte conglomerados de pedras e de terra calcinada de diversas especies. A côr azulada escura não é, porém, geral nas lavas da ilha do Fogo; porque algumas a têm avermelhada, outras côr de greda escura, etc.; mas estas ultimas cores são raras nas existentes na Chan, e só sim nas que se acham fóra d'ella em alguns corregos da montanha. O resto da Chan, proximo aos rochedos que a circundam, está quasi todo coberto de mato de tres especies de arbustos, que são a losna, como a de Portugal, mas da altura de um homem, e em partes da altura de um homem a cavallo, de outros arbustos a que chamam *torta olho*, (talvez porque, tocando nos olhos o liquido encerrado nas suas bagas, cega) e um arbusto menor muito semelhante ao nosso rosmaninho, mas com espigas mais pequenas e menos odoriferas. Nos rochedos do lado O. ha um manancial de excellente agua, que lança umas quatro ou cinco telhas d'ella, a qual correndo 4 a 6 braças de caminho, é sumida na areia.

«Os perigos que offerecia a descida pela parte por onde havia subido, determinaram-me a voltar para a villa de S. Filippe por outro caminho, embora mais longo, falto de recursos, e até mesmo de via trilhada para as cavalgadas. Para esse effeito vi-me obrigado a rodear a Chan, junto aos rochedos que a guarnecem, abrindo caminho pelo mato, até sair pela parte de E., no que gastei mais de duas horas, andando com diligencia, e foi então, que ao começar a descer para atravessar todo o montado nacional, que occupará uma quarta parte da ilha, se me apresentou um dos mais bellos golpes de vista. Observei d'ali rios e lagos extensos de lava azulada que existem em grande parte da superficie da ilha vista d'aquelle ponto, conhecendo

depois á medida que atravesssei o montado, que quasi todo elle é formado de lava, já em parte coberta de terra vegetal, que produz o pasto para o gado; não havendo, porém, corrego algum, que não esteja cheio d'ella. Encontrei d'aquelle lado, e parte do S., desde o alto da montanha, até grande distancia, muitos vulcões apagados, que provavelmente forneceram algumas d'essas lavas, vindo outras do alto da mesma montanha. Dirigindo-me depois ao sitio chamado o *Chupadeiro*, aonde toquei, mas não pude beber a agua com forte sabor de enxofre, e acabando de atravessar o montado, por veredas apenas trilhadas por pastores, descendo e subindo as bordas de valles mais ou menos profundos, e atravessando grandes porções de lavas amontoadas, já por fim ao clarão da lua meia encoberta pelas nuvens, cheguei ao sitio do Patim, 2 leguas distante de S. Philippe, aonde descansei em uma casa pelo espaço de duas horas e um quarto, emquanto me preparavam algum alimento, porque nada havia comido desde as sete horas da manhã, e ás dez horas e um quarto da noite puz-me de novo em marcha, chegando a S. Philippe á meia hora depois da meia noite, tendo andado n'este dia pelo menos 12 leguas que, com 8 do dia antecedente, perfizeram 20, percorridas em trinta horas por taes caminhos!»

Quando se descobriu a ilha do Fogo, parece que o seu vulcão não estava em actividade, mas tudo leva a crer, que, antes da descoberta, muitas erupções tivesso já havido; pois, segundo consta, grande parte da costa N. da ilha estava coberta de lavas, e muitas rochas com vestígios da acção do fogo; encontrando-se mesmo, n'um sitio, a que chamam *Chan das Caldeiras*, grandes aberturas, ou crateras extinctas, por onde resfolgava o ar, e n'ellas algum enxofre.

N'esse lugar brota uma copiosa nascente de agua doce, que vae perder-se no solo.

A contar da descoberta da ilha até á viagem de George Fenner, 1566, nada se encontra escripto que revele as erupções do vulcão. É, porém, de suppor muitas se repetissem, cuja noticia, como a das anteriores ao descobrimento, está sepultada na noite dos tempos.

Das erupções de que alguma cousa se sabe, fica dito o que podemos coligir; sendo digno de nota, que as ultimas em data, as de 1857, sejam, apesar d'isso, umas d'aquellas de que menos se póde dizer.

Embora recentes, são bem mal conhecidas, e já tão pouco lembradas, que, em 1880, o administrador do concelho da ilha do Fogo, natural da mesma, em seu relatório, assignava á derradeira erupção vulcanica, o anno de 1859.

De 1857 até hoje nada mais ha a referir relativo ao vulcão.

Está apagado, mas nem por isso póde, a nosso ver, imaginar-se que o período vulcanico da ilha chegasse ao seu ponto final, embora muitos o pensem.

Muito maiores intermitencias têm havido, e quando todos certamente julgavam o vulcão extinto, elle de novo se manifestava com a mesma, ou maior intensidade.

Ha apenas vinte e sete annos decorridos desde a ultima erupção, e muito mais consideraveis intermittencias se têm dado.

De trinta e um annos, de 1816 a 1847, de trinta e dois, de 1725 a 1757, de setenta e um, de 1604 a 1675, isto dado o caso que, entre estes dois ultimos millennios, não passasse sem ser vista alguma ou algumas erupções.

Todavia, findos esses longos entre-actos do drama vulcanico, têm ellas voltado ás suas curtas intermittencias usuaes.

Quem nos assegura, pois, que deixe de acontecer o mesmo, quando o systema de formação a que o vulcão pertence, a natureza das materias por elle ejectadas e o nunca ter cessado completamente de deitar fumo, nos affirmam ser o vulcão da ilha do Fogo pertencente á classe dos vulcões em actividade.

E se as erupções pararam, os tremores de terra na vizinha ilha Brava, não têm desde então cessado, tornando-se nomeadamente memoraveis os de 1872, entre elles os de 14 de novembro d'aquelle anno, bem mostrando que o trabalho subterraneo ainda não findou.

Com a repetição d'esses abalos de terreno, se tem bem pago na predita ilha a falta de erupções do vulcão do Fogo, sendo, nos parece, para desejar se não conserve por muito tempo fechada aquella valvula de segurança de toda a provincia, maxime das ilhas de Sotavento.

A que está inteiramente extinta é a antiga cratera principal do vulcão, podendo-se mesmo, sem o menor perigo, visitar o seu interior.

Ha, todavia, como já se disse, poucos curiosos que o tenhamprehendido, e mesmo que tenham exteriormente visitado o Pico da ilha do Fogo: o que na verdade admira, pois mal póde explicar-se o olvido em que se encontra um vulcão, que pouco differe em altura do soberbo Etna, e é superior ao Hecla e ao Vesuvio.

As principaes substancias mineraes utilisaveis, que se encontram n'essa e nas outras crateras, são: enxofre e salitre, em pequena quantidade, sulphato de soda, e uma terra formada de enxofre e alumem, a que os naturaes da ilha dão o nome de *contra*, attribuindo-lhe grandes virtudes, e servindo-lhes de remedio para variados padecimentos.

E, dizendo dos productos vulcanicos, a que póde dar-se applicação, não é de calar uma agua de aspecto leitoso, que, nascendo no Pico, vem apparecer na *Ribeira de Pedra*, no sitio da *Relva*, correndo abundante, e aproveitada pelos indigenuos d'aquelles contornos, não só para beber, mas ainda no tratamento de diversas enfermidades.

Essa agua, provavelmente sulphorosa, nunca foi ensaiada, que o saibamos, e bem merece sel-o, pois talvez n'ella se esteja perdendo um poderoso agente medicinal.

Do relatório de Brito Capello, já por vezes citado, transcreveremos a descripção geologica da antiga cratera, hoje apagada, com o que daremos mate a este mal alinhavado labor.

«O espectáculo que offerece o interior da grande primitiva cratera, merece especial menção; não é contudo para os nossos conhecimentos litterarios, nem tão pouco para o fim a que se dirige esta memoria, fazer uma descripção poetica do bello terrivel, do terrivel magestoso que offerece aquelle espectáculo! Limitar-nos-hemos, portanto, a uma descripção simplesmente geologica.

«Dentro de uma vastíssima planície, que não tem menos de 14 a 15 milhas de circunferencia, rodeada por uma alta muralha de rochas cortadas verticalmente, e de 1:000 metros de altura, eleva-se uma enorme pyramide conica, truncada na parte superior, aonde é terminada por uma corôa de rochas negras, recortadas, e de aspecto singular. O aspecto d'esta especie de obelisco monstruoso isolado no meio d'aquelle vasto circo, todo coberto de cinzas, e areias negras, produz necessariamente uma sensação indefinivel, *sui generis*: dir-se-ia ser o resto de enorme fogueira que mãos gigantes ali tivessem preparado!! Não é possível fugir a uma sensação de isolamento, e (permitta-se a expressão) aniquilamento de si mesmo, que experimenta quem observa aquelle espectaculo... e, se não com os olhos do corpo, pelo menos com os do espirito, passa em revista todos os phenomenos, todos os movimentos, todos os horrosos cataclismos que tiveram logar desde a formação da ilha, até o desfecho, ou, o que é mais provavel, até este grande intervallo de acto, d'aquelle grande drama geologico.»

E a findar estava esse intervallo, que, sendo o relatorio referido escripto em 15 de janeiro de 1856, em 27 de junho de 1857, de novo irrompia o vulcão no seu apenas suspenso labutar.

Cidade do Mindello da ilha de S. Vicente de Cabo Verde, 1 de setembro de 1884. — *Joaquim Vieira Botelho da Costa*, S. S. G. L.

Guillermo



García Pérez

Rubén Barone Tosca

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

DE LISBOA

FUNDADA EM 1875

5.^a SERIE — N.º 7

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1885